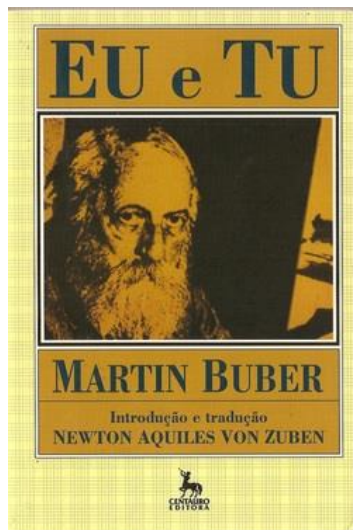


RESENHA:

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p.

Cynthia Helena Chaves Oliveira

Graduanda em Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Grajaú.
cynthiahcoliveira@gmail.com



Martin Buber nasceu na cidade de Viena, Áustria, em 8 de fevereiro de 1878. Ao morar com seus avós paternos em Lemberg, na Galícia, Buber teve uma maior aproximação com a união entre a tradição judaica autêntica e o espírito liberal da Haskalah¹, já que seu avô Salomão Buber era uma grande autoridade da Haskalah. Em 1904, Buber recebeu o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim. Em 1923 foi professor na Universidade de Frankfurt, sendo destituído do cargo em 1933 pelos nazistas. Em 1938 ensinou Sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Aos 60 anos, Buber já se encontrava com um arcabouço teórico enriquecedor, aprofundando-se em diversas áreas, como: estudos sobre a Bíblia, judaísmo e Hassidismo²; estudos políticos, sociológicos e filosóficos. Entre as suas influências, encontram-se alguns filósofos como Immanuel Kant, Soren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. Martin Buber faleceu aos 87 anos na data 13 de junho de 1965.

O livro “Eu e Tu” foi publicado em 1923, no período em que residiu na Alemanha, considerado sua obra mais densa e que possibilita fundamentar as obras posteriores. A filosofia do diálogo (EU E TU) é o ponto central de toda a sua reflexão, motivado principalmente pelo Hassidismo. Nota-se que o seu pensamento e a sua reflexão estão indissociáveis com a práxis.

¹ Haskalah em hebraico significa iluminismo e é o nome dado ao iluminismo judaico surgido no século XVIII, que, influenciados por intelectuais europeus buscavam oferecer uma educação secular aos judeus que residiam na Europa.

² Hassidismo foi um movimento judaico que possuía um novo conceito de devoção. O *hassid* (seguidor deste movimento) tem por característica a serenidade, generosidade e ascetismo (este último acredita que o corpo é a causa de todos os males).

Buber (2001) inicia a Primeira Parte de sua obra destrinchando a respeito das palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. Enfatiza que o mundo é dual para o homem (EU-TU ou EU-ISSO) e que seu modo de existir no mundo vai depender da palavra que proferir. Ressalta também, que não existe o Eu por si mesmo, mas, o Eu das palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso.

Quanto à palavra-princípio Eu-Tu, Buber deixa claro que ela só pode ser proferida pelo ser em sua totalidade, visto que, ao falar de Eu-Tu, diz-se respeito ao mundo da relação, trata-se de uma relação que é imediata, onde se há uma reciprocidade e uma dialogicidade. A palavra-princípio Eu-Tu é um ato essencial do homem, um encontro entre parceiros, o contemplar do “face-a-face”, é a ontologia do homem.

Quando se fala Eu-Isso, trata-se do mundo da experiência, do conhecimento, é o distanciamento do Tu, pois, quando se apropria de algo para a constituição de saberes, o Eu não se faz presente em uma relação, mas, em uma experimentação. Todavia, Buber esclarece que a palavra-princípio Eu-Isso não é de toda ruim, já que o homem precisa proferir ela para conhecer o mundo, porém, torna-se um mal ao se deixar viver só pelo Isso.

De acordo com Martin Buber), o mundo da relação EU-TU difunde-se em três esferas, sendo elas: *a vida com a natureza*, em que, mesmo que a natureza não emita uma resposta, o seu Eu está em relação com a natureza, isto é, a natureza se torna um Tu para o homem; *a vida com os homens*, a qual se constitui como uma relação recíproca onde “[...] Meu Tu atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele [...]” (BUBER, 2001, p. 62); e, por conseguinte, *a vida com os seres espirituais*, em que se aprimora o Tu eterno, no qual recebe uma maior atenção na Segunda e Terceira Parte da obra “Eu e Tu”.

Na Segunda Parte do livro “Eu e Tu”, Martin Buber discorre a respeito da “história do indivíduo e a história do gênero humano”. Aqui, destaca que as civilizações vêm manifestando um crescimento abundante do mundo do Isso, onde busca-se cada vez mais os conhecimentos da natureza o que, por sua vez, implica na ampliação das diferenças sociais e da técnica.

Para Buber (2001, p. 76), a expansão do mundo do Isso se torna um obstáculo, visto que, “[...] se desenvolve no homem frequentemente, em detrimento de sua força-de-relação, único poder, aliás, que lhe permite viver no Espírito”. Desta forma, quanto mais o homem busca respostas aos fenômenos existentes, mas ele reduz o Tu a um objeto, ou seja, a um Isso, já que o espírito se faz presente no silêncio das respostas, e é neste silêncio que o homem se torna capaz de liberar o que está relacionado entre ele e o mundo.

De forma alguma o outro (Tu) deve se tornar um objeto (Isso). É evidente que a filosofia de Martin Buber (2001, p. 84) busca principalmente na segunda parte de “Eu e Tu”, apresentar a finalidade da existência humana fundamentada na práxis, fazendo-se necessária a presença do espírito tanto na vida pessoal do homem, quanto na vida coletiva. Todavia, o autor deixa claro que não deve ser essa espiritualidade debilitada que vemos atualmente, mas, a verdadeira “[...] essência do espírito, a faculdade de dizer ‘Tu’”.

Sobre o amor e os sentimentos, Martin Buber ressalta que o Eu possui sentimentos, mas não o amor, visto que o amor é algo que acontece entre duas pessoas, no diálogo, isto é, na relação Eu-Tu. O amor, assim sendo, não está em posse nem do Eu, nem do Tu, mas, na esfera do inter-humano.

O conceito de liberdade em Buber está atrelado ao indivíduo ciente da relação e da presença do Tu, desta maneira, o homem se torna hábil para tomar decisões, sendo, portanto, um ser livre e competente para encontrar seu destino.

Martin Buber demonstra contemplar a forma proferida do Eu no pensamento do filósofo alemão Johann Wolfgang Von Goethe, no qual se sobressai um Eu intimamente ligado com a Natureza, em que este Eu visualiza a natureza sob a forma de Tu, respeitando-a e contemplando-a enquanto Tu.

Ao falar de Jesus, Buber (2001, p. 95) afirma que “[...] ele é o Eu da relação absoluta, na qual o homem atribui ao seu Tu o nome de Pai [...]”. Nota-se que a relação Eu-Tu referente ao diálogo entre o homem e Deus é algo que vai além da palavra-princípio Eu-Tu, trata-se de um “Tu eterno”, onde Buber relata minuciosamente na Terceira Parte do livro “Eu e Tu”.

Ao iniciar a Terceira Parte do livro “Eu e Tu”, Buber esclarece que todas as relações se concretizam em um Tu eterno. Ressalta também, que possuímos um Tu inato, onde se consuma inteiramente no diálogo com o Tu, que, por sua vez, de forma alguma vem a se tornar um Isso.

Os homens constantemente buscam o seu Tu eterno sob diversos nomes. Em relação a isso, Buber esclarece que é errôneo apontar um nome correto para Deus, pois, todos que invocam a Deus, independente do nome utilizado, buscam sempre o mesmo Tu eterno. Destaca também, que não apenas se fala sobre Deus, mas, se conversa com Ele.

A respeito da relação com Deus, o filósofo em questão ressalta que se trata de uma relação absoluta, onde não há preocupação com o externo a Ele. Todavia, o autor explica que não se trata de renunciar ao mundo, mas ver o mundo em Deus, ou seja, no Tu.

Significa, porém, compreender a relação em sua totalidade, isto é, consolidar o mundo em Deus é visualizar Deus presente nele.

O diálogo entre a criatura e o criador não se trata de uma dependência da criatura perante o criador, mas de uma relação que oferece reciprocidade, em que assim como a criatura necessita do criador, o criador necessita da criatura.

Buber ressalta que todas as esferas da relação destacadas anteriormente (tanto a relação com a natureza, quanto à relação com os homens e a relação com os seres espirituais), se incluem na orla do Tu eterno, visto que, em cada Tu dessas esferas, nos dirigimos a um Tu eterno.

O livro “Eu e Tu” é uma obra profundamente filosófica. O próprio tradutor para a língua portuguesa, Newton Aquiles Von Zuben, afirmou que para compreender a filosofia do diálogo em sua totalidade, era necessário ter conversado com o próprio Martin Buber, devido ao tamanho da complexidade presente na obra. Entretanto, a despeito de toda complexidade (que demonstra a riqueza e validade da obra) é possível inferir que competenos priorizar a relação Eu-Tu, principalmente em se tratando do Tu eterno. Sem esquecer, porém, que a experiência através da palavra-princípio “Eu-isso” é necessária para o nosso conhecimento de mundo. Devemos também, enxergar a natureza como um TU e não como um ISSO, pois, na relação Eu-Iso visualizamos a natureza como um fim útil, assim como o mundo capitalista à enxerga, implicando por sua vez, nos desastres ambientais vistos atualmente e na situação pré-apocalíptica em que colocamos nossa casa-mãe.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p.

Recebido para avaliação em 29/02/2016

Aceito para publicação em 09/04/2016